PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 96 ABRIL 1975 X ANO

NESTE NÚMERO

NOTA SOBRE A CONDENAÇÃO DE DIRIGENTES DO PC

FEITO DE SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA (NO VIETNÃ)

A FALA DOS GENERAIS

CHINA: VITÓRIA DO SOCIALISMO

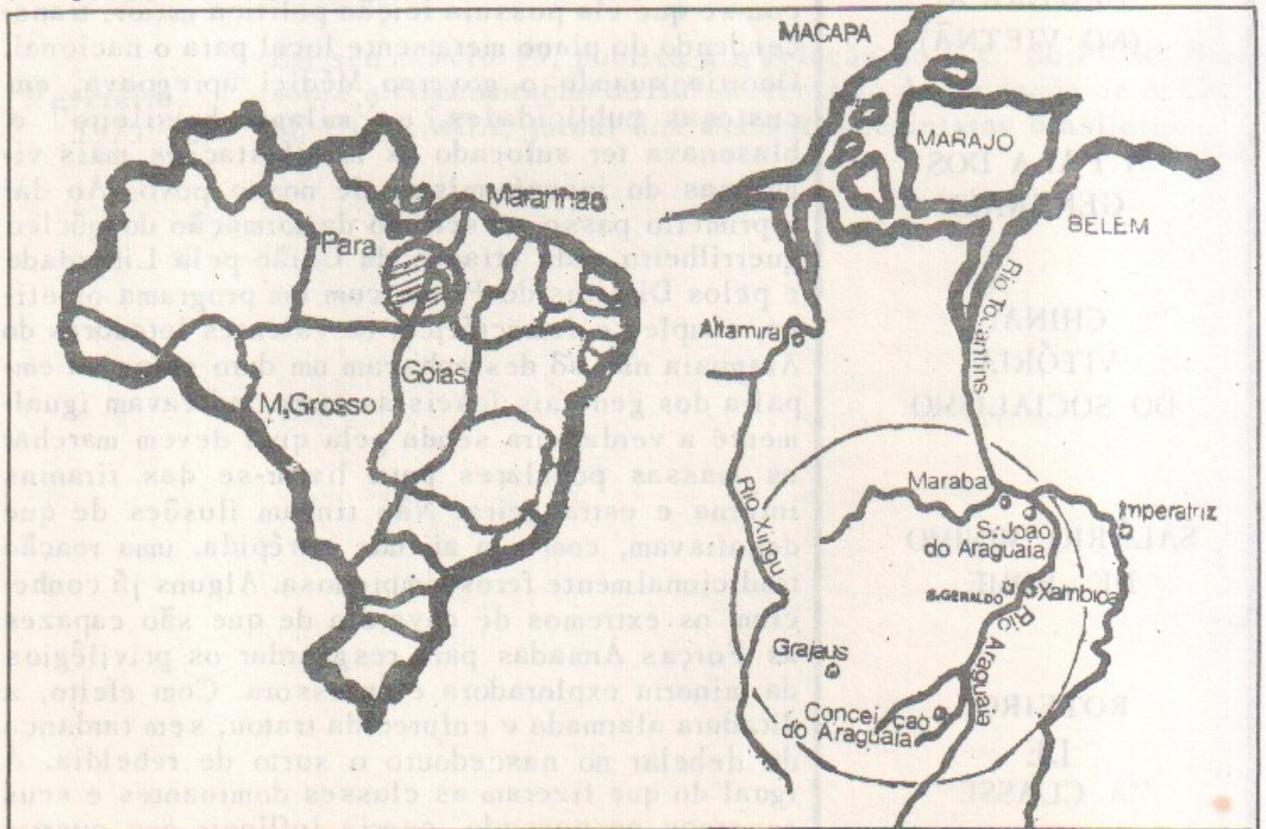
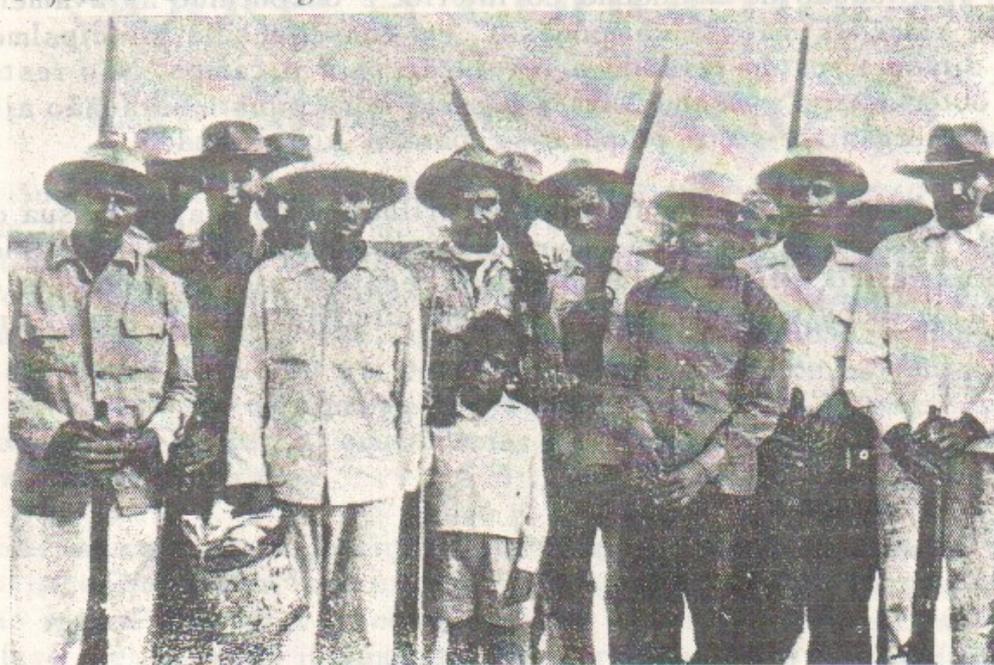
SALÁRIO MINIMO DE FOME

ROTEIRO DE "A CLASSE"

Três anos de luta guerrilheira

A gloriosa resistência armada dos camponeses e patriotas do sul do Pará completa seu terceiro ano de duração. Iniciada a 12 de abril de 1972 para opor-se aos desmandos dos grileiros e aos ataques das tropas da ditadura militar, desde logo verificou-se que ela possuia feição política maior, transcendendo do plano meramente local para o nacional. Ocorria quando o governo Médici apregoava, em custosas publicidades, o "milagre brasileiro" e blasonava ter sufocado as manifestações mais vigorosas do inconfomismo de nosso povo. Ao dar o primeiro passo no sentido da formação do núcleo guerrilheiro e da criação da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo, com um programa objetivo, simples e democrático, os valentes lutadores do Araguaia não só desfechavam um duro golpe na empafia dos generais fascistas como indicavam igualmente a verdadeira senda pela qual devem marchar as massas populares para livrar-se das tiranias interna e estrangeira. Não tinham ilusões de que desafiavam, com sua atitude intrépida, uma reação tradicionalmente feros, impiedosa. Alguns já conheciam os extremos de covardia de que são capazes as Forças Armadas para resguardar os privilégios da minoria exploradora e opressora. Com efeito, a ditadura alarmada e enfurecida tratou, sem tardança, de debelar no nascedouro o surto de rebeldia. A igual do que fizeram as classes dominantes e seus governos no passado, queria inflingir aos guerrilheiros e aos que os apoiassem um castigo que ser-

visse de escarmento para não se repetir a ousadia. Temia sobretudo que a ação armada acabasse contagiando os camponeses de outros lugares. Recorreu, por conseguinte, a seus habituais métodos de mentira e de repressão. Espalhou que os guerrilheiros eram marginais, contrabandistas e terroristas. Mandou queimar casas, destruir roças, prender, torturar e matar até mesmo pacíficos e inermes moradores. Mobilizou milhares de soldados e desencadeou várias ofensivas. Não obedeceu a nenhuma convenção, não respeitou sequer a lei das selvas. Impôs, ademais, férrea censura a todas as notícias sobre o que se passava naquelas distantes paragens. Tudo com o objetivo de dizimar os combatentes e intimidar a população que por eles sentia grande simpatia.

Apesar disso, a guerrilha subsistiu. Naquele já lendário recanto das imensas florestas amazônicas onde habita uma das populações mais pobres e atrasadas do país, continua a crepitar a chama da resistência armada. O gesto de bravura, o destemor diante da morte, o exemplo de abnegação e pertinácia, o esforço consciente em favor dos interesses populares e nacionais de que têm dado provas aqueles bravos patriotas perduram, começam a repercutir, a encontrar apoio sempre maior. E vêm de obter significativa vitória política ao romper a barreira do silêncio que os militares lhe haviam imposto. Ernesto Geisel, ditador de turno, teve de confessar que a guerrilha da região de Xambioá-Marabá não cessou, continua a existir. É certo que, ao referir-se a ela, o novo mandatário dos generais procurou confundi-la com tentativas antigas, como as de Caparaó e do Vale do Ribeira, que foram frustradas antes de seu início, não tinham o mesmo caráter da que se verifica há tres anos no Araguaia. Geisel também pretendeu minimizar sua significação, afirmando que se acha "completamente reduzida". Se é assim, por que não revelou a época e os motivos do surgimento da guerrilha, a natureza

de sua atividade, os combates havidos, o número de mortos, feridos e prisioneiros, bem como a força dos contingentes empregados e que, ainda hoje, ali estão com o objetivo de esmagá-la?

O fato de Geisel ter feito esse reconhecimento tardio, por obscuras que sejam suas intenções, representa um êxito indiscutível da resistência e das forças populares que sempre a apoiaram decididamente. Prova, além disso, que o aparato bélico e a furiosa repressão utilizados não foram suficientes para suprimir o movimento guerrilheiro.

Em seu terceiro aniversário, a guerrilha do Araguaia, embora as dificuldades que enfrente, sobressai cada vez mais em força política e moral. Seus heróicos combatentes e comandantes podem orgulhar-se de que cumpriram sua palavra de não arriar jamais a bandeira erguida em defesa da liberdade e dos direitos do povo, por maiores que fossem as vicissitudes. Com seu sacrifício memorável e seu sangue generoso, mostraram-se dignos das melhores tradições revolucionárias de nossa gente, despertaram e continuam a despertar a consciência patriótica para a luta sem tréguas contra a ditadura, apontaram o caminho a trilhar que assegura a conquista de um regime de liberdade, soberania e bem-estar.

A experiência vem confirmando que para derrubar o regime reacionário, é indispensável recorrer à guerra popular. E esta desenvolve-se a partir de pequenos grupos guerrilheiros no interior, estreitamente ligados às massas. Com o apoio das populações desamparadas e empobrecidas, têm todas as possibilidades de subsistir e crescer. A luta de guerrilhas, como a do sul do Pará, é parte integrante do movimento nacional de resistência que se expande e aprofunda no país. Ainda que defenda reivindicações específicas das zonas interioranas, sua bandeira política geral é a mesma empunhada pelas forças populares nos diferentes rincões da Pátria. E embora seja uma forma de luta mais elevada, longe de debilitar só poderá reforçar as demais formas da oposição popular.

Ressalta, por isso, com maior força ainda, a necessidade de avaliar a importância e o alcance do movimento guerrilheiro do Araguaia, de percorrer seu caminho básico. A situação de abandono do interior e o contínuo agravamento das condições de vida das massas camponesas, em consequência principalmente da política da ditadura, estão levando a revolução para o campo. Não resta outra opção para obter a terra e acabar com a miséria e as injustiças senão ajudar os camponeses a organizar-se e preparar-se para a ação armada.

Saudamos calorosamente os intrépidos guerrilheiros do Araguaia, sua decisão inabalável de prosseguir combatendo por uma causa justa. Expressamo-lhes nosso apoio entusiástico e firme. Nada devemos regatear para secundá-los em sua luta, que é a de todos nós, por um Brasil sem ditadura militar, livre e independente.

Sobre a condenação de dirigentes do PC

1. A Justiça Militar, em São Paulo, vem de julgar cerca de 40 pessoas acusadas de pertencer ao Partido Comunista do Brasil. Proferiu sentença condenando a maior parte dos acusados, entre os quais os camaradas João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Ângelo Arroio, Dinéias Fernandes e Elza Monnerat, membros do Comitê Central (que vivem na clandestinidade). Impôs a cada um a pena de 5 anos de prisão e a perda de direitos políticos por 10 anos. Há mais de uma década, todos os membros da direção do Partido são caçados pelos chamados órgãos de segurança, quatro deles foram assassinados pela polícia, outros encontram-se encarcerados.

2. Sistematicamente, a Justiça Militar julga e condena patriotas e democratas, assim como revolucionários brasileiros, pelo fato de se oporem decididamente ao regime ditatorial e entreguista dos generais reacionários. Esse, o crime. Na fase preliminar do julgamento e no curso deste, os juízes (oficiais das Forças Armadas) ouvem, contrariados e ameaçantes, depoimentos dos que passaram pelos cárceres, descrevendo os suplícios a que foram submetidos e até o assassinato de presos políticos. No processo contra o Partido Comunista do Brasil, vários dos envolvidos levantaram sua voz, na Auditoria, denunciando as torturas que padeceram e o assassínio do jovem universitário paulista Alexandre Vanucchi Leme por eles presenciado na polícia. Mas a justiça castrense não toma conhecimento dos delitos monstruosos cometidos pelos esbirros policiais. Antes, procura ocultá-los. Os patriotas e democratas são condenados, os torturadores e assassinos permanecem impunes, alguns são até condecorados. Cúmplice de inomináveis selvagerias, a Justiça Militar é simples peça da máquina de repressão da ditadura fascista, instrumento para suprimir a liberdade e determinar a reclusão de inúmeros cidadãos que manifestam inconformismo com o regime atual.

3. O Partido Comunista do Brasil e seus dirigentes, alvos do processo em questão, somente podem ser julgados pelo povo. Unicamente este tem autoridade para apreciar a justeza ou não de suas posições e de seus atos. Antiga organização da vanguarda proletária, há mais de 50 anos orienta-se conforme os interesses fundamentais das massas e do país. Opõe-se radicalmente à dominação do capital estrangeiro, sobretudo norte-americano, ao sistema injusto do latifúndio, à ditadura militar fascista. Propugna a instauração de um regime em concordância com as verdadeiras aspirações da grande maioria da nação. Não esconde seus objetivos programáticos. Face à violência das classes dominantes e do imperialismo ianque que se aferram a seus privilégios e impedem por todos os meios a prática da democracia, o Partido indica o caminho da revolução como a única saída para resolver os problemas básicos que o Brasil defronta. Considera a revolução um direito do povo. Todavia, jamais recorreu ao método do terrorismo individual. Os comunistas são partidários das ações de massas, da autên-

tica luta popular revolucionária. Precisamente porque assim se orienta e assim procede, o Partido conta com a simpatia da classe operária, dos pobres e oprimidos, de largas camadas da população. A nação condena a ditadura e não o Partido Comunista do Brasil. Está a favor dos que combatem o odioso sistema de governo imposto pelas Forças Armadas.

4. O processo movido contra o Partido, seus dirigentes e militantes é arbitrário e ilegal, fruto do regime terrorista em que vive o país. Os brasileiros há muito tempo alcançaram a maioridade cívica. Têm pleno direito de organizar-se e expressar suas opiniões, de lutar pelo que lhes parece ser a melhor e mais conveniente forma de organização da sociedade. Este direito, no entanto, vem sendo espezinhado pelos militares que se arvoraram em tutores da nação. A serviço das forças retrógradas e dos imperialistas norte-americanos, assenhorearam-se do Poder e perseguem todos os que não aceitam sua maneira tacanha, impatriótica e fascista de pensar. Só eles pretendem ter voz ativa em nossa terra. O povo não tem vez. Odiados em escala crescente, cometem toda sorte de arbitrariedades e violências com o propósito de sustentar a ordem apoiada nas baionetas.

5. Denunciamos à classe operária e ao povo a farsa do processo contra o Partido Comunista do Brasil e a condenação de vários de seus dirigentes. Tal processo vem sendo repudiado pelas organizações democráticas no país e faz parte da política de repressão sangrenta e de intimidação constante às massas populares realizada pelos generais. Os brasileiros precisam unir-se e lutar energicamente para derrubar a ditadura a fim de acabar com o despotismo e assegurar condições que propiciem o surgimento de um novo regime, de conteúdo progressista. No momento atual, é imprescindível cerrar fileiras em torno do movimento a favor da convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita, da Abolição de todos os Atos e Leis de exceção, da Anistia Geral.

6. O Partido Comunista do Brasil é indestrutível porque representa os interesses presentes e futuros da grande massa trabalhadora das cidades e do campo. A decisão da Justiça Militar não abalará seu esforço por tornar vitoriosa a orientação que defende. Sua direção marxista-leninista, constituída de lutadores abnegados da causa da democracia e do socialismo, não medirá sacrifícios no combate ao regime de traição nacional dos generais, nem teme as ameaças da reação. Cumprirá seu dever junto ao povo quaisquer que sejam as vicissitudes a enfrentar. Os reacionários e fascistas estão condenados pela História. Triunfarão as ideias revolucionárias.

Março de 1975

A Comissão Executiva do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Feito de significação histórica

Em vigorosa ofensiva, respondendo às provocações do adversário, as forças armadas da Frente de Libertação do Vietnã do Sul alcançaram expressiva vitória. Destroçaram boa parte do exército mercenário de Van Thieu e ocuparam grande número de províncias e importantes cidades. Três quartos do território encontram-se agora em poder dos combatentes da liberdade e da independência nacional. Este magnífico feito é saudado em todo o mundo como um acontecimento de significação histórica.

No Vietnã estão sendo fragorosamente batidos não apenas os reacionários e lacaios de Washington. São os imperialistas norte-americanos, principalmente, que amargam o pó da derrota vergonhosa. Durante muitos anos, tudo fizeram com o intuito de esmagar os anseios progressistas e democráticos do povo vietnamita. Sustentaram governos corruptos e fascistas. Desembarcaram centenas de milhares de "marines" para fazer a guerra contra os patriotas indochineses. Arrasaram cidades e aldeias, destruiram a fauna e a flora por meio de agentes químicos, espalharam o terror. Violando todas as normas do direito internacional, minaram os portos da República Democrática do Vietnã e lançaram toneladas de bombas sobre a sua população civil. Agiram como verdadeiros bandidos. Não conseguiram, porém, dobrar a vontade de luta das grandes massas dessa região do Sudeste Asiático. Sofreram duros e repetidos golpes, perderam dezenas de milhares de integrantes de suas tropas.

Os cabecilhas dos monopólios estadunidenses, respaldados pelos social-imperialistas soviéticos, recorreram a outros estratagemas a fim de impedir a vitória da Frente de Libertação. Tentaram, através das negociações de Paris, defender a manutenção do status quo no campo de batalha, pensando assim prolongar indefinidamente a solução do conflito.

Queriam obrigar os vietnamitas a renunciar a seus objetivos. Estes, no entanto, não se deixaram colher na armadilha, desmascararam todas as manobras do inimigo. O Acordo de Paris foi, em certa medida, uma vitória sua, pois Van Thieu jamais poderia cumprir as cláusulas estabelecidas. Os imperialistas ianques procuraram utilizar esse Acordo para quebrar o ânimo do povo e minar-lhe a resistência. Embora tivessem retirado o grosso de seus soldados, continuaram enviando a seu lacaio bilhões de dólares, farto armamento, enquanto seus técnicos ajudavam a reorganizar e treinar o exército títere que, assessorado por generais do Pentágono, chegou a contar mais de um milhão de homens.

As tropas de Van Thieu ensaiaram diversas ofensivas para desalojar as forças revolucionárias das zonas libertadas. Receberam o merecido castigo. As massas puderam comprovar por experiência própria a infâmia da política de Saigon. O regime de Van Thieu entrou em completa decomposição. Seus patrões da Casa Branca, tomados de pânico, esbravejaram ameaças. Ford reclama verbas e mais verbas, promete intervir militarmente, faz provocações de toda a

ordem. Mas não consegue mudar o rumo dos acontecimentos. A guerra está perdida para eles.

Os povos recolhem a grande experiência do Vietnã. Ela ensina que um país pequeno é capaz de vencer um grande; que uma pequena força, se defende uma causa justa e persiste na luta, pode transformar-se numa grande força; e que as idéias corretas acabam impondo-se, apesar da repressão, da violência brutal do imperialismo e da reação, da matança indiscriminada de patriotas e revolucionários. Mas para vencer, o caminho só pode ser o da luta armada. As ilusões pacifistas levam sempre ao fracasso. A vitória não chega através de entendimentos, détentes, atuação eleitoral e parlamentar, compromissos sem princípio, embora os acordos e compromissos sejam às vezes indispensáveis. Se o povo vietnamita se tivesse deixado enlear pelos sofismas de seus adversários e esperasse confiante o aos Acordos de Paris, teria sem dúvida sofrido um grave revés. Só a luta firme e decidida, no campo político e no campo militar, pode garantir o sucesso. A época que vivemos está marcada por profundos sentimentos revolucionários das grandes massas exploradas e oprimidas. Ainda que os imperialistas e seus lacaios recorram ao terror fascista e às ditaduras , não poderão abafar esses sentimentos . Apoiadas nelas, as forças de vanguarda orientam-se no sentido de travar combates , em todos os terrenos, que mobilizem as massas e acabem derrubando os regimes retrógrados. O imperialismo, , o social-imperialismo e a reacção mundial conjugam esforços, em diferentes planos, para impedir a revolução. Se se lutar decididamente, seus planos fracassarão como fracassaram no Vietnã.

Os êxitos alcançados pela Frente de Libertação Nacional do Vietnão do Sul entusiasmam e estimulam os oprimidos de todo o mundo. O povo brasileiro, que vive há onze anos sob o jugo de uma ditadura militar-fascista, de inspiração ianque, rejubila-se com as conquistas de seus irmãos do Sudeste Asiático. Saúda com grande alegria seus bravos e invencíveis guerrilheiros, seu exército popular, o Partido dos Trabalhadores, o Governo Revolucionário Provisório. As lições de sua gloriosa epopéia serão estudadas para tornar realidade, também no Brasil, os anseios progressistas das massas.

A fala dos generais

A passagem de mais um aniversário do golpe de 1º de abril de 1964, deu ensejo a uma série de pronunciamentos por parte dos escalões superiores das Forças Armadas. Discursos, entrevistas, ordens-do-dia de generais, almirantes e brigadeiros, acompanhados de rufos de tambor, clarinadas e ranger de botas, deram a tônica às comemorações. Como nos anos anteriores, os generais voltaram a atacar as greves, a bater na tecla surrada do caos e da anarquia que supostamente imperavam em princípios daquele ano, tentando explicar o por quê da intervenção armada. E aos que alimentam ilusões em "aberturas" com Geisel, responderam reafirmando sua disposição de sustentar por todos os meios o sistema antinacional e antipopular que instituíram.

Arrogantes como sempre, avessos à democracia e cheios de rancor pelo povo, os militares recorreram a sofismas e fraudes para justificar suas ações. O ministro do Exército, Sílvio Frota, referiu-se ao comício de 13 de março de 1964 no Rio de Janeiro para dizer que "grupos ululantes desfilaram pelas principais ruas da cidade, exalando ódio e gritando ofensas aos militares", portando "grandes bandeiras brasileiras insultuosamente adulteradas, com a substituição da esfera azul por uma bola vermelha com símbolos comunistas da foice e do martelo". E aduziu: "As greves diárias por pretextos mais fúteis e variados, roubavam a tranquilidade à população". Foi então, segundo ele, que as Forças Armadas decidiram intervir no processo político "para que o destino grandioso do Brasil retomasse seu rumo tradicional, sob o signo da cruz". O ministro erigiu a mentira em argumento. A nação recorda que o comício de 13 de março teve certa proteção do Exército. Entre as palavras-de-ordem dominantes nesse ato, sobressaía esta – POVO E EXÉRCITO UNIDOS, levantada pelos partidários de Prestes e de Goulart. Os oportunistas, eufóricos, proclamavam aos quatro ventos que o Exército era democrático e estava na praça pública para garantir os comícios populares... Naquela época, Prestes e seus correligionários haviam mudado até o nome de seus jornais a fim de não identificá-los nem de longe com a luta de classes, seriam incapazes de usar o símbolo do proletariado tendo em vista alterar a bandeira nacional. Frota sabe muito bem disto, se deturpa os fatos é porque tem lá suas razões. Mas não faltou à verdade ao falar na "retomada do rumo tradicional". O golpe, na verdade, significava a liquidação das liberdades conquistadas e a volta ao velho caminho da reação aberta que tem sido a constante na vida do país. Esse caminho, preferido pelas classes reacionárias e o imperialismo ianque, encontra nas Forças Armadas, sempre contrárias ao uso das franquias democráticas pelo povo, seu sustentáculo principal.

Já o comandante do III Exército, Oscar Luis da Silva, depois de afirmar que, naquele período, "centenas de greves perturbavam o trabalho" e que "desordeiros (é assim que ele trata o povo, N.R.) eram mobilizados para fazerem número e ameaças nos comícios", assinalou: "propositadamente, afastava-se o Brasil de seus tradicionais amigos e aliados, deliberadamente afugentava-se os capi-

tais estrangeiros do país". Foi por isso, disse ele, que as " Forças Armadas que tudo observavam (...) desencadearam o plano previsto". Pode parecer burrice, mas o general disse isto mesmo, deixando claro que o golpe objetivava manter o Brasil submetido ao "seu aliado tradicional", isto é, os Estados Unidos imperialista, e abrir as portas do país à espoliação do capital alienígena. Exatamente o que a ditadura fez nestes onze anos, transformando nossa Pátria na terra da promissão dos trustes e monopólios e no purgatório da grande maioria da nação.

Por sua vez, o comandante do II Exército, Ednardo d'Avila, destemperou-se numa linguagem caracteristicamente nazista. Esse velho e imbecil chefe da repressão em São Paulo, investiu contra a liberdade de imprensa e outros meios de comunicação, defendendo o embrutecimento do povo. "A massa tremenda (!) de notícias e informações que o homem recebe hoje — disse ele — lhe tira o hábito da meditação". Insurgiu-se também contra a crítica. "Esta massa de crítica vai perturbando a consciência popular, vai criando desesperanças". Até parecia o finado Goebels ressuscitado. Denominando de "ataques violentíssimos à revolução" as manifestações de inconformismo com o atual estado de coisas, sublinhou que "não podemos voltar aos anos de 63 e 64, de total anarquia". Mas o centro de sua insolente oração foi a defesa "dos homens da segurança" que estariam sendo vítimas (!) de uma campanha organizada. "Diariamente são feitas acusações aos elementos da segurança"... "Eles ficam terrivelmente marcados"... Espalham-se boatos para "desmoralizar os elementos da segurança"... "É com eles que estamos conseguindo manter este país em tranquilidade"... Assim falou o general, digno candidato a sucessor do chefe da Gestapo. Os "homens da segurança" a que ele se refere não são outros senão os assassinos e torturadores de patriotas e democratas, o bando de criminosos fascistas que compõem os chamados orgãos de repressão, cujos crimes bárbaros e desumanos nada ficam a dever aos dos policiais hitleristas.

A fala dos generais é bem um retrato da situação presente. Sentem cada dia mais que o povo brasileiro não aceita seu regime fascista, responsável em boa medida pela crise profunda e generalizada que o Brasil atravessa. Eles se dão conta dos protestos que se adensam, da repulsa geral a sua política atrabiliária, entreguista e esfomeadora das massas populares. Vêem crescer em toda parte a exigência para que o governo informe a respeito do destino de inúmeros detidos, de dezenas de pessoas desaparecidas nas masmorras da polícia política. Sem poder apresentar sequer os cadáveres de suas vítimas, apavoram-se ante a revolta que seus crimes estão provocando. Por isto, neste 1° de abril vomitaram ódio ao povo, apelaram para o embuste e fizeram ameaças. Uma parte deles não está de acordo nem mesmo com as manobras que Geisel realiza visando a salvar o sistema e a institucionalizar o fascismo. Teme que essas manobras possam redundar em maior impulso à luta antifascista. Quer evitar a todo o custo que o esquema atual de repressão sofra quaisquer alterações, convencida de que a ditadura só se poderá manter utilizando, em ampla escala, os métodos terroristas e a perseguição desenfreada a patriotas e democratas.

Embora em seus discursos e ordens-do-dia os generais falassem em unidade e coesão em torno do chefe superior, a divisão entre camarilhas militares acentua-se, estando em jogo não problemas de fundo mas de procedimentos quanto à

cont. na pag. 16

CHINA: Vitória do socialismo

A China é hoje um exemplo privilegiado de como os povos podem resolver seus problemas fundamentais, por mais intricados e vultosos que sejam, desde que sigam o caminho do socialismo.

Civilização das mais antigas da História, suas imensas riquezas, seu vasto território e seu grande povo sempre foram objeto de cobiça de conquistadores, colonizadores e imperialistas. A decisiva e preliminar questão da completa independência nacional foi resolvida em 1949, somente depois que o povo chinês travou uma prolongada guerra popular contra os agressores japoneses e seus títeres internos e libertou o país.

A China era então economicamente atrasada, semifeudal, com costumes arcaicos que lhe embaraçavam a existência. A força de trabalho de seus homens, das mais depreciadas do mundo, era traficada para outros países por mercadores inescrupulosos. Os gêneros de primeira necessidade, escassamente produzidos, faltavam para as amplas massas populares. As secas ou as enchentes transformavam-se em calamidades periódicas, que se abatiam como fatalidade sobre a população. Esta vivia explorada e embrutecida, afastada dos benefícios da civilização, carcomida pela miséria e pela doença. Morrer de fome não lhe era estranho, mas até vulgar.

Com a implantação de um regime de ditadura do proletariado e a subsequente construção do socialismo abriu-se à China a perspectiva da solução de todos os seus problemas.

Eliminada a propriedade privada sobre os meios de produção, em seu lugar foram estabelecidas basicamente duas formas socialistas de propriedade: a estatal, de todo o povo, e a de grupo, no campo. Nesta base, o lucro foi sendo suprimido como objetivo da produção e a economia pôde desenvolver-se planificadamente, em função dos interesses populares.

O governo revolucionário enfrentou, desde o início, o problema da fome e do abastecimento da população. Em um país habitado por centenas de milhões de homens, esta era uma questão inadiável e de evidente dificuldade. Por isso considerou-se prioritário o desenvolvimento da produção agrícola.

A conformação do novo modo de produção na agricultura foi um processo complexo, implicou experimentações, inovações, paciência para se avançar com as massas camponesas. Liquidado o sistema latifundiário, desenvolveram-se diferentes tipos de cooperativas até se chegar ao sistema comunal, hoje implantado em todo o campo chinês.

A comuna não é apenas uma organização do trabalho das massas, como a cooperativa. Ela organiza e dirige os diferentes setores da atividade de sua área comunal. É uma unidade básica de poder. Trata dos problemas da agricultura, indústria, transporte, educação, saúde, assistência aos velhos, etc. Conta com a sua milícia armada.

A CLASSE OPERÁRIA

O trabalho na comuna, sumamente racionalizado, permite alta produtividade. A comuna é organizada em brigadas de produção e as brigadas em grupos de produção. O número destas unidades varia. Em uma comuna situada nos arredores de Pequim, de tamanho médio, existem 16 brigadas e 135 grupos de produção. Em sua área vivem 40 mil pessoas. O trabalho produtivo conta aí com 29 tratores entre grandes e médios, 150 tratores pequenos e 60 caminhões. 1.400 trabalhadores operam seis pequenas empresas agroindustriais, entre as quais uma criação de 50 mil patos e outra de 34 mil porcos. Essa comuna executou, desde a Revolução Cultural, mais de 30 quilômetros de canais subterrâneos, instalou 600 bombas elétricas e 7 estações de distribuição de água. Com tudo isso, sua produtividade atingiu índices dez vezes maiores que os da época da libertação.

Com semelhantes alterações na estrutura produtiva, o volume da produção agrícola da China elevou-se a nível muito alto. Em 1974, a produção de cereais chegou a 270 milhões de toneladas, significando, em média, 340 kg por habitante. A China, o país mais populoso da Terra, conseguiu resolver o problema do abastecimento básico de todo o seu povo que, assim, já não conhece a fome.

Importantes êxitos também foram conseguidos na industrialização, fator dirigente do desenvolvimento nacional. A amostra permanente da indústria de Xangai expõe uma variedade da produção industrial depequeno e grande porte e de elevado nível técnico. Os produtos mostrados vão desde pequenos tratores agrícolas até caminhões basculantes de 32 toneladas, imensos turbo-geradores, modernos microscópios eletrônicos e computadores de nova geração.

Destacada foi a vitória conseguida no setor de óleo combustível. Com reservas petrolíferas terrestres e submarinas que vão a 500 bilhões de toneladas, a China desenvolveu um esforço concentrado para explorá-las, sobretudo a partir da década de 60. Em 1973, a produção do óleo foi a mais de 52 milhões de toneladas, um milhão exportado. Ascendeu a 65 milhões em 1974, quando foram vendidos ao exterior 5 milhões de toneladas. A China conseguiu auto-abastecer-se de petróleo e até exportá-lo, em certa medida.

Em todos os demais setores da vida do povo, profundas foram as transformações já ocorridas e profundas as que estão ainda em curso. No mesmo processo em que se edifica o novo sistema econômico socialista, cortando-se pela raiz a possibilidade da exploração do homem pelo homem, modela-se também um novo conjunto de superestrutura político-social, voltado para a satisfação das necessidades das amplas massas. A toda a população são assegurados os serviços básicos, como assistência médico-sanitária, dentária, farmacêutica e escolar. A velhice descansa, em segurança, nas chamadas "Casas de Respeito aos Velhos". E, em cada um desses setores, desenvolve-se o seu particular movimento de revolucionarização. O sistema escolar, por exemplo, após a grande vitória política da Revolução Cultural, entrou na etapa que agora vive, a da revolução na educação. Objetiva-se pôr o ensino inteiramente voltado para a formação de trabalhadores conscientes e cultos, desenvolvidos moral, física e tecnicamente. Para tanto, busca-se em cada escola, faculdade, curso ou cadeira, a forma apropriada de participação ativa dos alunos na luta de classes, na produção e na experimen-

tação científica. Reestruturam-se os currículos, os sistemas de ensino, as formas e os critérios de seleção, promoção e admissão na Universidade. Deflagra-se um combate específico às antigas idéias e costumes confucianos, buscando-se naquelas origens reacionárias remotas, o pano de fundo ideológico de manifestações contra-revolucionárias recentes, como a tentativa de restauração capitalista feita por Lin Piao e sua camarilha.

A China de hoje, por representar no nível mais avantajado a nova sociedade socialista do futuro, face à velha sociedade capitalista condenada, atrai para si o rancor da reação mundial, particularmente o das duas superpotências. Nessas condições, a defesa nacional é objeto de apurada atenção dos dirigentes e do povo. O Exército Popular de Libertação, exército de tipo novo, que mobiliza em profundidade o alto espírito revolucionário de seus combatentes, juntamente com o das dezenas de milhões de efetivos milicianos, acha-se plenamente capacitado a cumprir o seu papel. Mas todo o povo está preparado para defender-se e tem planos de defesa. Sinal disto é que todas as grandes cidades, com milhões de habitantes, e ainda as médias e as pequenas dispõem de extensos túneis onde abrigar a população em caso de bombardeio de qualquer espécie. Esses túneis são dotados de anfiteatros, pequenas fábricas e oficinas, comércio, centrais elétricas, hospitais, alojamentos, serviço de comunicação interna e até de modernos equipamentos para a filtragem de ar eventualmente contaminado por radiação atômica.

Ao cabo de vinte e seis anos de edificação socialista, a sociedade chinesa já não vive os dramas da fome, desemprego, mendicância, menor abandonado, prostituição, inflação, crise energética e econômica, opressão, perseguição, terror e tantas outras mazelas que são a constante do mundo capitalista.

Decisivo papel para a conquista destas esplêndidas vitórias jogou o destacamento de vanguarda da classe operária – o Partido Comunista da China. Aplicando corretamente as verdades universais do marxismo-leninismo à realidade concreta do país, o PC da China, dirigido sabiamente pelo grande líder do povo chinês, o camarada Mao Tsetung, resolveu os inumeráveis problemas que apareceram no curso do processo histórico e levou à libertação e ao socialismo. Após a tomada do Poder, compreendendo que a luta de classes continuava nas novas condições da ditadura do proletariado, o Partido seguiu sua gloriosa trajetória, alcançando maiores êxitos. A realização da Grande Revolução Cultural Proletária e o desmascaramento das camarilhas de Liu Shao-Shi e de Lin Piao garantiram a continuidade da revolução e impediram a restauração do capitalismo. A história do PC da China e a do seu provado dirigente, Mao Tsetung, identificam-se com a própria história recente da classe operária e do povo chineses.

A existência da China Popular, desenvolvendo-se a passos tão largos e resolvendo os problemas de sua numerosa população, aponta aos povos o único caminho que lhes permitirá liquidar todos os seus tormentos – o da verdadeira libertação e do socialismo.

Salário mínimo de fome

No início do mês de março, o governo enviou ao Congresso o projeto de lei que desvincula o salário-mínimo do cálculo de aluguéis, prestações da compra de casa própria, multas de trânsito e outras obrigações. Dizem as autoridades ditatoriais que o desligamento do salário-mínimo de qualquer espécie de correção de preços representa um alívio para o governo que, até agora, tem pensado duas vezes antes de reajustá-lo, devido às suas repercussões inflacionárias. Com isso procura atribuir à vinculação o seu baixo poder aquisitivo. Entretanto, não foi a vinculação que determinou a queda do valor do salário-mínimo, e nem será sua desvinculação que determinará o aumento do seu poder de compra.

Desde que assaltaram o Poder em 1964, os militares traçaram sua política salarial. Ela está subordinada à política econômica cuja essência é desenvolver o país abrindo as portas ao capital estrangeiro, exportar o máximo para conseguir divisas; manter os salários baixos para que as mercadorias exportáveis sejam de menor custo permitindo elevado lucro e preços competitivos no mercado externo; mão-de-obra barata para atrair novos investimentos do exterior, assegurando taxas de lucros altas e segurança aos investidores, ou seja, garantia de que a classe operária se deixe explorar pacificamente, sem lutar por suas reivindicações. Foi a custa da mais violenta repressão que conheceu nosso povo, de prisões de patriotas, de operários combativos, intervenções nos sindicatos, proibições de greves, que se levou à prática essa orientação. Ao mesmo tempo fez-se uma imensa campanha publicitária de que o Brasil se desenvolvia espetacularmente, melhorava a situação e era preciso o povo ter um pouco mais de paciência, pois o bolo estava crescendo e os trabalhadores receberiam oportunamente sua fatia. De fato o bolo cresceu, porém quem o comeu não foram os que trabalham, mas sim os grandes capitalistas nacionais e estrangeiros e seus lacaios. Nesses onze anos, a classe operária ficou mais pobre e os ricos mais ricos. Os contrastes na sociedade brasileira se tornaram gritantes. No Brasil, um milhão de habitantes apossa-se de maior quantidade da renda nacional do que outros cinquenta milhões.

Se a situação dos operários piorou, a da camada que recebe salário-mínimo se tornou gravíssima. Mais da metade dos trabalhadores brasileiros ganha salário-mínimo ou menos ainda. Este é um dos mais baixos do mundo – 415 cruzeiros ou 52 dólares. Durante estes onze anos de ditadura o seu valor real reduziu-se a menos de 50%. Segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) para restabelecer o poder aquisitivo vigente em 1958, o atual salário-mínimo deveria ser de 1.359 cruzeiros. Com o mínimo de Cr$ 415,00, um trabalhador mal ganha para a alimentação. Descontando 8% para o INPS, restam-lhe Cr$ 381,80. Ora, em São e no Rio, um quilo de arroz custa 4,20; feijão, 5,50; carne de segunda, 14,00; batata, 2,50; macarrão, 9,00; café, 13,20; uma dúzia de ovos, 4,00; uma lata de leite em pó de 400 grms., 9,60; uma dúzia de banana, 2,50, etc. Em outros Estados os preços são mais elevados. Além da comida ele gasta com aluguel de casa, roupa, calçado, remédio, transporte, artigos de higiene, etc. O aluguel de um quarto (utilizando a cozinha) cus-

ta 400 cruzeiros mensais; uma casa pequena, acima de 800 cruzeiros. Se for solteiro e tiver que pagar pensão gastará, no mínimo, de 700 a 800 cruzeiros por mês. Uma refeição simples custa 10 cruzeiros. O operário casado é obrigado a morar em favelas ou casebres nos confins do mundo, para fugir aos aluguéis exorbitantes.

Desse modo, para sobreviver, o trabalhador de salário-mínimo tem que fazer 4 a 5 horas extras por dia e não pode dar escola aos filhos que o ajudam, desde cedo, trabalhando, engraxando sapatos, vendendo alguma coisa. A miséria, a

prostituição, a delinquência são crias do capitalismo, mas cresceram com uma rapidez maior durante o reinado dos militares. As mulheres e os filhos dos assalariados são os grandes prejudicados. Encontram-se subnutridos, mal vestidos, impedidos de estudar. Os que produzem as riquezas vivem sacrificados e explorados. São as maiores vítimas do "milagre brasileiro". Os beneficiados constituem uma minoria, juntamente com parasitas ladrões dos cofres públicos.

A nova política para o salário-mínimo é demagógica. Usando a mesma técnica anterior, tentam as autoridades enganar os trabalhadores dizendo que a situação agora vai melhorar. Sentindo o descontentamento crescente contra o atual regime, os militares manobram, procurando alimentar ilusões entre os operários. No passado, afirmavam ser necessário esperar o bolo crescer para depois reparti-lo. Presentemente, dizem que é preciso ter um pouco de paciência, que o reajustamento deve ser progressivo, realizar-se a longo prazo, pois um aumento que recuperasse o poder aquisitivo do salário de onze anos atrás teria um efeito altamente inflacionista.

Agora, não se pode conceder um aumento muito alto porque também "provocará inflação". Desde quando a melhoria de salários é fonte de inflação? Ao contrário, os aumentos salariais se dão em consequência da elevação dos preços. O ano passado tivemos uma inflação de 35% (os gêneros de primeira necessidade subiram 43%); no entanto, a majoração no salário-mínimo foi insignificante, redundando portanto em queda do seu valor real. Na hora em que se cogita de

um aumento de cem, duzentos ou trezentos cruzeiros nos salários logo surge os "defensores da pátria" com o espantalho da inflação. Mas nada dizem quan seus soldos e vencimentos são elevados em mais de 3 mil cruzeiros. Hoje pa: o salário-mínimo recuperar o antigo valor necessita de um aumento de 900 cr zeiros, de maneira total e não gradativa. É a única forma de diminuir esse eno me contraste existente na sociedade brasileira. Se um executivo percebe pr ventos 100 a 200 vezes superiores aos do operário, se um general pode ter u soldo 40 vezes maior que o salário-mínimo, por que este não pode ser reajustad para 1.359 cruzeiros? E o aumento não pode ser dado à custa de trabalhadore que ganham salários mais elevados, mas retirados dos altos lucros patronais. grandes empresas nacionais e estrangeiras têm conseguido elevados ganhos base da exploração dos operários. Algumas chegam a lucrar até 80% sobre o c pital. Trata-se, portanto, de tirar de uma parte dos lucros o reajustamento ne cessário. Para isso a classe operária precisa mobilizar suas forças e organiza -se pois a chave da vitória está na sua organização. Somente confiando em s mesma, lutando por suas reivindicações mais sentidas e contra a ditadura mil tar é que alcançará uma vida melhor.

A FALA DOS GENERAIS cont. da pag. 10

subjugação do povo e de interesses de grupos. Geisel sente-se acuado face declarações de alguns comparsas. Aproveita, no entanto, a oportunidade par tentar atrair os setores políticos do centro alegando que precisa de apoio a fi de enfrentar os "radicais" de direita, enquanto procura isolar as forças mai combativas. Ao mesmo tempo, prepara novos atentados aos direitos civis, urd a cassação de mandatos, atendendo exigências das chamadas áreas de seguran ça nacional, onde pontificam os fascistas mais empedernidos. Finge opor-se ac métodos do governo anterior, mas não mexe, o mínimo que seja, nos orgãos re pressivos. Diz que não pode responder pelo "desaparecimento" de presos ante de sua posse, porém essa prática continua depois de 15 de março de 1974. E onda de prisões, de torturas, de violências policiais cresce sem cessar.

A virulência de linguagem dos generais não é sinal de força. Estão isolados quanto mais investem contra o povo mais se afundam. A maioria da nação que liquidar a ditadura e poderá fazê-lo. Compreende cada vez melhor que os dete tores do Poder fecharam os caminhos às soluções pacíficas. Desenvolvendo am pla e combativa campanha por uma Constituinte livremente eleita, pela Aboliçã de todos os Atos e Leis de exceção e pela Anistia geral unirá suas forças e le vará de vencida a resistência dos fascistas. A reação não é tão sólida como pro cura apresentar-se. Até mesmo nas Forças Armadas há brechas — os soldados marinheiros, cabos e sargentos assim como oficiais de menor graduação poderã unir-se ao povo na medida em que se intensifique a luta e se fortaleça uma firm oposição ao regime militar. O combate dos operários, dos camponeses, dos estu dantes, dos artistas e intelectuais, da grande massa da população pela liberdad e por seus direitos, o protesto contra o banditismo policial, a ação armada no interior tornarão mais frágeis e inseguras as posições dos déspotas que gover nam o país.

Neste 1º de abril, os generais disseram uma vez mais que não abandonarão Poder. O povo terá que derrubá-los.

Roteiro de «A CLASSE»

PRIMEIRA FASE – 1925/1940

1º de Maio 1925	Surge uma nova imprensa no país. A CLASSE OPERÁRIA, órgão central do Partido Comunista do Brasil, edita seu primeiro número. Traz como legenda – UM JORNAL DE TRABALHADORES FEITO PARA TRABALHADORES. Tiragem inicial: 5 mil exemplares, vendidos nas fábricas e nos sindicatos.
18 de Julho 1925	Sem qualquer justificativa legal, A CLASSE OPERÁRIA é fechada pelo governo. Sua tiragem e distribuição vinham aumentando rapidamente.
1º de Maio 1928	Reaparece novamente A CLASSE OPERÁRIA. Denuncia com vigor a exploração das massas trabalhadoras e a política reacionária de Washington Luiz. Divulga orientação do PC do Brasil e da III Internacional.
Meados de 1929	A redação de A CLASSE OPERÁRIA, no Rio, é invadida pela polícia e depredada. O mesmo ocorre com sedes de sindicatos. O jornal não pôde mais ser impresso legalmente. A partir daí circula na clandestinidade.
De 1930 a 1933	Após os acontecimentos de 1930 que culminam com a derrubada do regime existente e a instauração do governo discricionário de Getúlio Vargas, A CLASSE enfrenta odiosa perseguição policial.
1935	Saliente papel é desempenhado pela A CLASSE OPERÁRIA na preparação da insurreição nacional libertadora. Derrotado o movimento dirigido pela ANL, a repressão abate-se furiosamente contra o jornal dos comunistas.
De 1936 a1939	Apesar da descoberta pela polícia de várias de suas oficinas e do assassinato de gráficos que a imprimem, A CLASSE aparece sempre, estimulando os comunistas e todos os patriotas a combater o fascismo.
Princípios de 1940	Os beleguins de Felinto Muler, assessorados pela Gestapo de Hitler, conseguem calar temporariamente a poderosa voz da imprensa proletária. A CLASSE desaparece. O PC sofre um duro golpe. Sua direção é encarcerada.

SEGUNDA FASE – 1945/1953

Maio 1945 — Com a derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial e a decomposição do Estado Novo, A CLASSE OPERÁRIA volta a circular legalmente. Exprime a opinião de um forte Partido Comunista com cerca de 200 mil membros. Bandeira de luta das massas populares e de defesa da democracia, alcança grandes tiragens. É reeditada em vários Estados.

De 1946 a 1948 — Durante o governo reacionário do general Dutra, A CLASSE torna a ser proibida de circular várias vezes, sem nenhum fundamento. Em 1948 é compelida a suspender sua publicação. Também centenas de sindicatos sofrem intervenção ministerial.

1951 — A CLASSE OPERÁRIA reaparece publicamente. Mas a repressão contra ela continua: é apreendida nas bancas dos jornaleiros, seus vendedores são vítimas de toda a sorte de vexames.

1953 — Devido à repressão, A CLASSE OPERÁRIA deixa de ser editada. (Com o surto revisionista no Partido e a traição de Prestes ao marxismo-leninismo – 1956/57 – toda tentativa de reeditá-la é abandonada).

TERCEIRA FASE – 1962/1964

Março 1962 — Uma nova fase revolucionária se inicia para A CLASSE OPERÁRIA. Volta a circular legalmente, tendo como diretor o camarada Maurício Grabois e como redator-chefe o camarada Pedro Pomar. Porta-voz do autêntico Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista, reorganizado em fevereiro desse ano, o jornal cumpre uma das mais importantes tarefas. É o centro do combate ao revisionismo contemporâneo. Em seu primeiro número, publica o MANIFESTO–PROGRAMA e o DOCUMENTO EM DEFESA DO PARTIDO, ambos aprovados na CONFERÊNCIA NACIONAL EXTRAORDINÁRIA de fevereiro. Sua tiragem de 60 mil exemplares, foi totalmente esgotada.

Agosto 1962 — Em seu editorial "Preparar-se Para a Luta em Todos os Terrenos", A CLASSE assinala: "As forças revolucionárias, ao mesmo tempo que lutam por um governo popular revolucionário, têm o dever de organizar a luta do povo, as ações de massas contra a carestia de vida, pela reforma agrária radical, pela solução dos problemas de abastecimento, pelas liberdades". E adiante: "No caso em que a crise política assuma um caráter mais profundo, com atritos de maior amplitude entre os grupos das classes dominantes, é preciso estar em condições de enfrentar o imperialismo, o latifúndio e seus agentes em todos os terrenos".

Julho 1963 — A CLASSE traz, em suas páginas, o importante documento do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, intitulado RESPOSTA A KRUSCHOV. Aí se desmascara a política revisionista do PCUS e as infâmias do seu principal dirigente contra a China Popular, ao mesmo tempo que se faz fundamentada defesa do Partido reorganizado.

Março 1964 — Imprime legalmente seu último número. Nele, A CLASSE OPERÁRIA desmascara a posição de Prestes que procura adormecer a vigilância do povo ao afirmar numa rede de televisão em São Paulo que a reação estava definitivamente batida, oferecendo simultaneamente seus préstimos à burguesia paulista.

Abril 1964 — A CLASSE OPERÁRIA é fechada pelos golpistas.

QUARTA FASE – Começa em 1965

1º de maio de 1965 — Volta a circular na clandestinidade. No editorial, "Trincheira de Luta", lê-se: "Há pouco mais de um ano era arbitrariamente suspensa A CLASSE OPERÁRIA, combativo e valoroso órgão do proletariado revolucionário". "A velha CLASSE, herdeira das mais gloriosas tradições revolucionárias dos trabalhadores brasileiros, em especial dos comunistas, foi um dos primeiros alvos da reação policial-militar que varre furiosamente o país: Sua redação foi invadida, depredada e, até ao presente, encontra-se interditada. Pela força e pelo arbítrio, o porta-voz do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL calou-se temporariamente". "Hoje, sua palavra se faz novamente ouvir. É mais uma fase de sua heróica existência".

A partir de meados de 1965 — A CLASSE OPERÁRIA edita na clandestinidade 96 números. Sua feição gráfica aparece bastante diversificada, uma vez que é impressa em vários Estados de acordo com as condições locais. Publica propaganda revolucionária marxista-leninista, documentos do Partido, críticas ao revisionismo e às tendências aventureiras pequeno-burguesas, análises da situação política e orientações para a luta de massas, artigos sobre a vida dos trabalhadores e do povo, materiais da resistência armada do Araguaia.

Entre os trabalhos publicados:

- Resolução do C.C. do PC do Brasil intitulada TODA SOLIDARIEDADE AO POVO DO VIETNÃ (junho 1965)
- Resolução do C.C. do PC do Brasil de APOIO À LUTA DO POVO DE SÃO DOMINGOS (junho 1965)
- Carta Aberta a Fidel Castro (abril 1966)
- Apoiar a Grande Revolução Cultural Proletária (maio 1967)
- Desenvolver a Luta Ideológica e Fortalecer a Unidade do Partido (Resolução do C.C. do PC do Brasil – junho 1967)
- Alguns Problemas da Situação Internacional – Enver Hodja (abril 1968)

– Declaração do C.C. do PC do Brasil sobre a invasão da Checoslováquia pela União Soviética (setembro de 1968)
– Mensagem do C.C. do PC do Brasil ao Partido do Trabalho da Albânia e congratulações e apoio pelo rompimento com o Pacto de Varsóvia (setembro 68)
– Na Terra Onde Floresce o Socialismo (artigo de Maurício Grabois sobre a Albânia – julho 1969)
– Atualidade do Pensamento de Lênin (abril 1970)
– "Povos de Todo o Mundo, Unâmo-nos! Derrotemos os Agressores Norte-Americanos e Todos os seus Lacaios! (Declaração de Mao Tsetung, junho 1970)
– Soluções Ilusórias (sobre os acontecimentos no Peru, Chile e Bolívia, janeiro 1971)
– O Povo Conquistará a Verdadeira Independência (setembro 1972).
– Comunicado do C.C. do PC do Brasil sobre a morte dos camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luis Guilhardini (fev./março 1973)
– Saudação aos Guerrilheiros do Araguaia (abril/maio 1973)
– Acerca da Luta Antiimperialista (julho 1973)
– Em Defesa do Povo Pobre e pelo Progresso do Interior (agt. 1974)

Dezembro 1972 — A polícia invade o local onde é impressa A CLASSE OPERÁRIA, em São Paulo. Confisca suas máquinas, prende e tortura os que nelas trabalham.

Fevereiro 1975 — Em seu número 95, publica a resolução do C.C. do PC do Brasil sobre a comemoração do 50º aniversário da fundação de A CLASSE OPERÁRIA, jornal dos marxistas-leninistas brasileiros.